

Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros

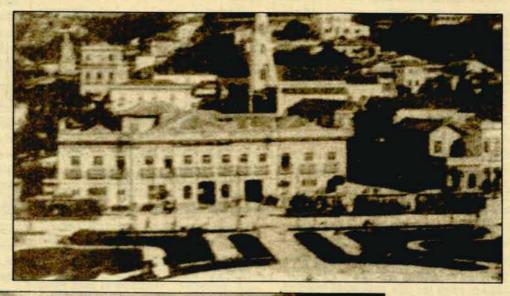
BRASÍLIA, JANEIRO DE 1994

6

ANTES DE SERMOS ITAMARATY

Flávio Serrano

Palacete Bahia – Rua da Glória 100 (1869/1899)





Solar do Conde da Barca

Rua do Passeio 42 (.../1852)

2

PONTO DE ENCONTRO Kikkawa San

8

HONG KONG, PORTO FRAGRANTE Gabriel Lino Maia 3

TRABALHAR FORA DO ITAMARATY
Eduardo dos Santos

10

RONALD DE CARVALHO Felipe Fortuna 5

"CHE" GUEVARA ECONOMISTA P.G. Vilas-Bôas Castro

12

FRASE DO MOMENTO ENTRELINHAS

PONTO DE ENCONTRO

KIKKAWA SAN

Li, com interesse e prazer, as reminiscências de nosso colega Flávio Mendes de Oliveira Castro, publicadas no nº 7 do boletim, a respeito de Kikkawa San e Mister Box. Não conheci o segundo e, infelizmente, meu convivio com Kikkawa San foi breve demais: quando cheguei a Tóquio, em 1983, já estavam chegando ao fim os "50 anos do efetivo exercício em suas funções", mencionados pelo articulista. Não desejo acrescentar louvores à avaliação sóbria e justa que Oliveira Castro faz da figura do Senhor Kikkawa. Mas, como também me recordo dele com emoção, respeito e admiração, talvez me seja permitido contar uma pequena história a seu respeito, à guisa de homenagem.

Rompidas nossas relações diplomáticas com o Japão, em janeiro de 1942, Kikkawa San viu desaparecer a Embaixada do Brasil e, com ela, o seu emprego. Conseguiu então um cargo em uma companhia japonesa que operava nas Filipinas ocupadas e, deixando a família no Japão, mudou-se para Manilha. Em setembro de 1944, os norteamericanos iniciaram sua invasão das Filipinas e as ilhas, mesmo em áreas distantes dos desembarques iniciais, passaram a ser pesadamente bombardeadas por aviões e navios. Em fevereiro de 1945 era evidente que Manilha iria cair. O comando japonês começou a recrutar, à força, os civis residentes na capital para participar de uma resistência que só poderia ser suicida. Kikkawa San, com outros paisanos, refugiou-se no mato, onde permaneceu até depois da rendição japonesa. Entregar-se aos vencedores não foi fácil, pois de um lado havia os fanáticos que não acreditavam na derrota das forças imperiais e, do outro, os americanos, rapidissimos no gatilho contra qualquer coisa que se mexesse na floresta, depois de suas experiências com os tocaias que não se rendiam nunca. Finalmente prisioneiro, Kikkawa San teve que esperar longos meses para ser repatriado, pois seu regresso - e o de outros nas mesmas condições - não era tema que merecesse prioridade nas condições perturbadas da época.

Finalmente de volta ao Japão, começou a procurar a família e terminou por encontrá-la numa provincia distante de Tóquio, aonde tinha se deslocado para escapar aos bombardeios que arrasaram as cidades japonesas. Pode-se imaginar a emoção do reencontro, particularmente porque Kikkawa San, depois de tanto tempo sem noticias, era dado como morto pelos seus. Começou, então, uma vida penosa, baseada na pequena agricultura e na criação, que mal davam para a sobrevivência.

Passaram-se os anos, numa pobreza quase sem esperanças, até que, num dia de 1952, Kikkawa San cometeu um desatino. Como fazia regularmente, havia ido à cidade mais próxima para vender o que podia e comprar o indispensável. Terminadas as suas transações, preparava-se para voltar quando viu, numa banca, um jornal de lingua inglesa. A idéia já lhe havia passado pela cabeça, antes. Mas naquele dia, deixou-se dominar pela recordação de dias mais felizes, de idéias mais largas do que a existência camponesa, de todos os ambientes em que havia vivido e que agora pareciam pertencer a um mundo irrecuperável. Com os últimos dinheiros que lhe restavam, se sentindo quase um criminoso contra a própria familia, comprou o jornal.

Foi lendo aquelas folhas, que lhe haviam custado tão caro, palavra por palavra, linha por linha. Percorreu o noticiário internacional, o nacional, os esportes, as noticias culturais, leu as previsões do tempo, os anúncios mais caros com seus clichês de ilustração, tudo o que havia. Por fim, na vaga esperança, que provavelmente não se confessava, de encontrar uma oportunidade de trabalho, foi aos classificados. E ali, numa caixinha igual a todas as outras, seus olhos esbarraram com os dizeres: "A Embaixada do Brasil, que se reinstala em Tó-

quio, procura notícias de seu antigo funcionário Tsuji Kikkawa".

Embaixador QE Luiz Paulo Lindenberg Sette Rio de Janeiro - RJ

Li, com interesse e emoção, o artigo no boletim da ADB sobre os antigos Auxiliares Contratados Tsuji Kikkawa e Albert Box.

Não conheci o segundo, mas conheci muito bem Kikkawa San. Conheci-o em 1936, durante a bastante longa estada no Japão da Missão Econômica Brasileira chefiada pelo Ministro Salgado Filho, durante a gestão do Embaixador Pedro Leão Velloso em Tóquio. Fomos constantes companheiros e ficamos muito amigos. Iam passar-se vinte e oito anos até que eu tornasse a pisar, e isso mesmo por um instante, terra do Japão. Isso foi em 1964 - quando, depois de cumprida uma missão como observador da ONU no Vietnam e na Cambodia, o avião que me conduzia de Hong-Kong a Nova York fez escala no aeroporto de Tóquio. Para grande surpresa e emoção minhas, lá apareceu, na sala dos passageiros em trânsito, Kikkawa San, trazendo-me o presentinho da amizade, o omiyage, envolto, conforme a tradição, em papel branco atado com dois cordões, um branco e outro vermelho.

Quando me tocou viajar de novo ao Japão no ano de 1973, fiquei feliz de encontrar lá Kikkawa San ainda servindo na Embaixada, mas tendo já então por colaborador o seu filho, Osamu Kikkawa. Trabalhando eu a partir de então em uma firma japonesa, passei a viajar com certa frequência ao Japão, sempre procurando o meu venerável amigo. Ao falecer, deixou-me ele um objeto de alto valor em recordação de nossa amizade, que hoje se prolonga entre seu filho e eu.

Parabéns por sua feliz idéia de homenagear aqueles bons servidores do Brasil. Minha experiência de 31 anos na carreira recorda, como a sua, vultos de Auxiliares locais de admirável dedicação ao Itamaraty. Alguns deles consegui fazer condecorar com a Ordem de Rio Branco, proporcionandolhes ao mesmo tempo uma viagem ao país que tão bem serviram sem conhecê-lo.

Embaixador Aposentado Manoel Pio Corrêa Jr. Rio de Janeiro - RJ

FICHA TÉCNICA

ADB - Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros — ANO II Nº 9 - JANEIRO 1994

EDITADO PELA ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMATAS BRASILEIROS (ADB) CONSELHO EDITORIAL: JOSÉ ANTONIO DE MACEDO SOARES, VIRGÍLIO M. DE ANDRADE, CARLOS PEREZ, JOSAL PELLEGRINO, ANDRÉIA RIGUEIRA JORNALISTA RESPONSÁVEL: DIVA GRADILONE EDITORA: MARIA TERESA MESQUITA PESSÓA DIAGRAMAÇÃO. TÂNIA REGINA SANTOS RAMO S /SAMUEL TABOSA DE CASTRO ILUSTRADOR: ARTHUR HENRIQUE VILLANOVA NOGUEIRA

REVISÃO FINAL: KATIA GILABERTE
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: TÂNIA REGINA SANTOS RAMOS
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: SÓBRINDES LINHA GRÁFICA É EDITORA
TIRAGEM: 1.250 EXEMPLARES.
ENDEREÇO: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, ANEXO
ADMINISTRATIVO I, TÉRREO.
AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

Trabalhar fora do Itamaraty

Eduardo dos Santos

uitos colegas têm prestado servicos ao país fora do Itamaraty. Lembrar todos seus nomes, do passado e do presente, resultaria numa lista interminável. O Ministro de Estado. Embaixador Celso Amorim, é um dos que viveram essa experiência, como Presidente da EMBRAFILME e Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Ciência e Tecnologia. Há também o caso daqueles que, como um de seus antecessores, o Embaixador Gibson Barbosa, jamais se desviaram da sua Casa de origem. Em seu livro de memórias, o ex-Chanceler comenta nunca ter exercido outra atividade que não a diplomacia, para ele "o traço todo da vida": "apaixonei-me pela carreira, que se tornou minha razão única de ser na vida pública durante cinquenta anos".

Sempre foi aceito com naturalidade no Itamaraty o fato de seus servidores diplomáticos poderem enriquecer seu aprendizado profissional em outras frentes de trabalho. Essa possibilidade chega a assumir dimensão relevante, na medida em que aos mais graduados têm sido confiadas responsabilidades no primeiro escalão do Governo.

É comum, também, que diplomatas exercitem - inclusive paralelamente à carreira - as mais diversas vocações e pendores: como romancistas, ensaístas, poetas, acadêmicos, historiadores, artistas plásticos, músicos, jornalistas. Foi o caso emblemático de Guimarães Rosa, que, na visão de quem pesquisou minuciosamente sua vida e sua obra, manteve uma clara unidade de atitude - atitude unificadora de sua personalidade - nos três oficios que exerceu. Essa atitude básica, como diz a Ministra Heloísa Vilhena de Araújo em seu estudo Guimarães Rosa: Diplomata, foi a do "restaurador", presente na profissão de médico ("restaurador da saúde do corpo"), na de escritor ("restaurador da saúde da alma, arquiteto da alma") e na de diplomata ("restaurador de comunidades, remediador de conflitos, homem de muitas fronteiras").

O exemplo de Guimarães Rosa serve para demonstrar que, nesta ou naquela função, dentro e fora da Casa, o diplomata é o mesmo. Foi preparado para desempenhar fundamentalmente uma atividade de Estado e, nessa condição, revela não ser funcionário enclausurado em seu universo profissional.

Mas é compreensível que, por sermos uma instituição organizada, com tradição e cultura próprias, algumas sensações sejam especialmente marcantes com o afastamento da Casa.

A primeira - e aqui faço um depoimento inteiramente subjetivo, pois as experiências devem ser as mais diversas - é a angústia de ter saido do habitat natural e, consequentemente, a preocupação de não perder raízes. Por isso, onde estiver, o diplomata transporta a Casa dentro de si e não se desvincula, em nenhum momento, das práticas de trabalho, dos valores éticos e do espírito de missão assimilados ao longo da carreira. O Ministro Azeredo da Silveira costumava dizer que a diplomacia é como o sacerdócio: imprime caráter.

Imbuído dessa consciência, o di-

plomata requisitado para servir em outros órgãos da Administração constata imediatamente que a ligacão com a Casa é umbilical, tão fortes a vivência e o envolvimento com tudo aquilo que representa o Itamaraty tanto na vida profissional quanto na vida pessoal e familiar de seus funcionários. É o sentimento de corpo, o de pertencer a uma instituição com tantas peculiaridades, a manifestar-se das formas mais curiosas: às vezes, com uma ponta de melancolia, ao se dar conta, por exemplo, de que a "Bola do Dia" não lhe chega às mãos com a mesma frequência, que seu nome iá não aparece na lista de ramais da Secretaria de Estado, que deixou de cruzar com os colegas nos corredores do Palácio, do Anexo ou do Bolo de Noiva.

Muito nítida é a estranheza com as novas rotinas de trabalho, em certos casos bem diferentes das que se consolidaram no Itamaraty. Memória, por exemplo, é algo por que zelamos muito em nossa atividade, e sua importância, no entanto, parece não chegar a sensibilizar outras áreas da Administração Pública. O registro de tudo ou quase tudo que ocorre na SERE e nos postos no exterior - registro instantâneo, tão completo e preciso quanto possível - é, sem dúvida, uma prática tradicional e corrente que distingue o Itamaraty. Dois testemunhos a esse respeito são ilustrativos: o primeiro, de Ministros fora da carreira que dirigiram recentemente a Casa e que não escondiam o prazer da leitura dos telegramas recebidos dos postos no exterior, com informações, análises políticas e propostas de ação ou

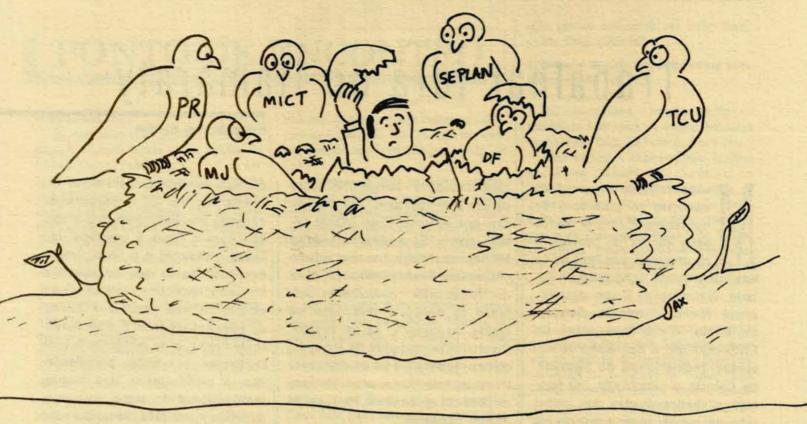


Ilustração: Fernando Jacques

estratégia; o segundo, o de um Embaixador que, no exercício de importante cargo na área econômica do Governo, foi desaconselhado a preparar uma informação escrita para o Presidente da República sobre desdobramentos da negociação da dívida externa: ignoro se apenas excesso de prudência em relação a tema complexo como aquele, ou se o mero desuso do expediente na repartição, não teria recomendado senão o relatório verbal.

Servir fora do Itamaraty significa perceber a distância entre a dinâmica do funcionamento da Casa - a sua ação eminentemente política em todas as dimensões, voltada sempre para o interesse permanente, a preservação de valores, o longo prazo, noção de perspectiva global - e as preocupações mais técnicas, imediatistas, parciais, segmentadas, que refletem, em geral, a execução das políticas de outros Ministérios e órgãos públicos. Mas o impacto principal pouco tem a ver com a substância das funções. Afinal, em vários Ministérios a agenda de trabalho, se não guarda similitude com a do Itamaraty, ao menos interessa a ele diretamente.

A mudança, na verdade, desperta reações peculiares. Sobretudo quem se dedicou unicamente ao Itamaraty na vida profissional, e de repente é transferido para outro prédio da Esplanada, corre o risco de sentir-se um estranho no ninho. E, principalmente nos primeiros dias, de até enganar-se de trajeto a caminho do trabalho: um dos protagonistas dessa experiência, que se mudou para o Ministério da Fazenda, mais de uma vez dirigiu-se, pela força do hábito, inconsciente, para o Palácio dos Arcos, tendo chegado a estacionar o carro, como fazia antes todas as manhãs, em frente ao Cerimonial. Depois de firmar seu novo roteiro diário, pôde perceber com clareza que o Ministério da Fazenda talvez seja a maior vitrine dos problemas brasileiros. Ali se ganha conhecimento do Brasil real, do Brasil que nem sempre é visível no cotidiano do Itamaraty: entre muitas licões, compreendeu a importância vital das decisões ali tomadas e aprendeu que, do entrechoque de pressões e reinvindicações de toda parte, sempre se pode extrair uma conclusão em termos quantificáveis: alguém vai ganhar e alguém vai perder.

Nem sempre é assim no exercício da diplomacia, infensa aos jogos de soma zero. Mas daí não surge nenhum contraste major. A atividade do servidor do Itamaraty não é feita de charme, nem permite sublimação. Não é em estereótipos como este, hoje felizmente menos difundidos, que se sustenta a forca da instituição. E muito longe disso, a razão do sentimento nostálgico que toma conta do diplomata ao afastar-se circunstancialmente da Casa. Ele aprende a valorizá-la ainda mais, pois o move uma atitude que deve ser comum a todos os colegas que já viveram, com maior ou menor intensidade, essa aventura, esse exilio: atitude integradora. como a do "restaurador" em Guimarães Rosa, que se traduz na expectativa... de voltar e recomeçar. *

"Che" Guevara Economista

P.G. Vilas-Bôas Castro

futuro da Revolução Cubana ainda era uma incógnita quando servi em Havana, de meados de 1961 a fins de 1963. A incerteza alimentava a atmosfera de romantismo que naquele tempo envolvia tanto a Revolução como as figuras dos seus líderes guerrilheiros.

O desaparecimento da União Soviética sem dúvida levará politólogos e historiadores a produzir novos estudos sobre o marxismoleninismo e os regimes que criou. Nesse contexto a fase romântica da Revolução Cubana poderá ser um tema atraente.

Os líderes mais identificados com o romantismo dos primeiros anos da Revolução Cubana foram Camilo Cienfuegos e Ernesto "Che" Guevara.

Não conheci pessoalmente Camilo Cienfuegos, que já tinha morrido quando cheguei a Cuba. Guevara homenageou-o dedicando-lhe o manual "Guerra de Guerrilhas". Na capa dessa obra há uma fotografia de Cienfuegos tirada no final da Guerra Revolucionária, a cavalo numa estrada a caminho de Havana. Tendo como fundo uma nuvem branca no luminoso céu de Cuba, Cienfuegos aparece em uniforme de guerrilheiro, mas com um chapéu de palha na cabeça, sorrindo, a mão esquerda acenando, a direita segurando um fuzil; evocando ao mesmo tempo fraternidade e disposição para a luta armada, essa foto de Cienfuegos simboliza de imediato o romantismo revolucionário.

De romantismo está impregnada a projeção histórica de Guevara.
Muito se disse e escreveu sobre
ele. O seu semblante foi reproduzido por todo o mundo em cartazes, ilustrações de livros, camisetas. Nada tenho a acrescentar de
original sobre Guevara, exceto talvez a observação de que cultivava
o humor. Foi ele, por exemplo,
que definiu o regime político revolucionário cubano dos primeiros
tempos como "um comunismo com
pachanga"¹.

Ouvi Guevara contar o seguinte:
"Durante a reunião para formar
o primeiro Governo Revolucionário, pouco depois da entrada do
Exército Rebelde em Havana, Fidel
fazia a distribuição dos ministérios
aos comandantes, mais ou menos
de acordo com as profissões que
haviam exercido antes da guerra:

 Fulano, que é agrônomo, será o Ministro da Agricultura. Beltrano, que é engenheiro, será o Ministro das Obras Públicas. Sicrano, advogado, Ministro da Justiça.

Dessa maneira Fidel foi formando o Governo, sem problemas. Até que chegou o momento de escolher o Presidente do Banco Nacional de Cuba. Fidel ficou indeciso, olhou para todos os presentes e finalmente perguntou:

- Quem é economista aí?
 Imediatamente respondi:
- Eu!

Fidel me encarou, surpreendido. Ruborizou-se, baixou a cabeça, pareceu contrariado e disse:

 O Presidente do Banco Nacional de Cuba será o "Che".

A designação me surpreendeu muito. E também a todos os outros. Pensei em recusar. Mas não o fiz. Aquele momento histórico não nos permitia rejeitar qualquer tarefa imposta pela Revolução. Fiquei calado.

Terminada a distribuição de cargos do Governo, Fidel deu por encerrada a reunião, mas pediu que não me retirasse, pois queria falar comigo.

Logo que os outros saíram, Fidel exclamou:

- "Che". Eu sempre soube que tu és médico! Que negócio é esse de seres também economista? Eu não sabia e tampouco o sabiam os demais!
- Economista? Mas Fidel, ouvi perguntares quem é comunista!

E foi assim que me tornei Presidente do Banco Nacional de Cuba..."

¹ Pachanga - gíria cubana que significa rumba.

No início do ano passado, tive o grato prazer de conhecer o Professor Flávio Serrano, carioca, 61 anos, profissional da área de informática que, naquele momento, realizava pesquisas na Mapoteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro, para alentado projeto sobre evolução da propriedade do solo no bairro do Flamengo.

Esse projeto constituiu o primeiro ponto de interesse comum que temos, ele e eu moradores, mas ainda saudosos, daquele bairro. Conversamos longamente sobre outros assuntos, sobre as demais pesquisas que ele empreendia então, até que, a certa altura, mencionei tema que despertava minha curiosidade havia muito, mas que apesar de ter buscado aqui e ali, nunca tinha podido obter as informações que desejava.

Referia-me à localização das sedes da Chancelaria brasileira antes de se instalar no Palácio Itamaraty, denominação afinal transformada no epônimo da diplomacia nacional. Sabia, por referências encontradas em algumas poucas obras,

especialmente no livro
Organização e Administração do
Ministério dos Estrangeiros, de
autoria do Embaixador Álvaro
Teixeira Soares, e no Salões e
Damas do Segundo Reinado, de
Madureira de Pinho, que o

Ministério do Exterior se localizara sucessivamente no antigo campo da Aclamação e também no Palacete Bahia, no

Largo da Glória. Era praticamente tudo, e os Relatórios anuais publicados pela Chancelaria primavam pela discrição a esse respeito: embora consignando as mudanças, não registravam os endereços da

Chancelaria.

O Professor Serrano se entusiamou com o tema, arregaçou as mangas e pôs-se a pesquisar. O resultado é uma monografia inédita, respeitável e

ilustrada, cujo resumo é publicado aqui como utilíssima contribuição para a preservação da memória do Itamaraty.

Carlos F. Guimarães

As sedes da chancelar

o primeiro momento, pensamos tratar-se de uma pergunta cuja resposta poderia ser dada em poucos dias ou semanas. Mas, à medida que o tempo foi passando, percebemos nosso envolvimento numa pesquisa das mais apaixonantes, e após quase dois anos, o tema se tornou uma verdadeira obsessão: quais os endereços da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, a partir de 1808?

Na realidade, rapidamente foram identificadas as sedes da Secretaria após 1821. No entanto, ainda permanece envolto em mistério o período de 1808 até aquele ano.

Com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, no princípio do século passado, a então Colônia passou por grandes modificações. Logo ao chegar às terras cariocas, o Príncipe Regente Dom João nomeou três Secretários de Estado, em 11/03/1808. Para a Secretaria da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, foi escolhido Dom Rodrigo de Souza Coutinho, mais tarde agraciado com o título de Conde de Linhares.

É bem provável que os primeiros momentos da Secretaria tenham acontecido no Paço Imperial, na atual Praça Quinze de Novembro. Em 1861, Moreira de Azevedo, ao publicar sua obra "O Rio de Janeiro", registrava a existência de uma sala "azul dos estrangeiros", ao lado da Sala do trono, mas não se conseguiu até agora nenhuma prova documental de que este tenha realmente sido o primeiro pouso da Secretaria.

Com a morte de Linhares em 26/ 01/1812, a Secretaria foi sucessivamente dirigida pelo Conde das Galveias, o Marquês de Aguiar e, em 1817, o Conde da Barca, Dom Antônio de Araújo de Azevedo.

Escrevendo sobre Barca, afirmou Luis Edmundo tratar-se do "maior ministro que Dom João teve no Brasil, o que mais fez pelo país". A ele devemos, entre outras, a iniciativa de ter trazido de Lisboa, no tumultuado e estratégico embarque da Corte para o Brasil, as máquinas que deram origem à Impressão Régia, mais tarde

chamada de Real Oficina Tipográfica, precursora da Imprensa Nacional de nossos dias. Esse maquinário foi justamente instalado no andar térreo do Solar onde inicialmente habitou Barca, na Rua do Passeio, ao lado do prédio hoje ocupado pelo Automóvel Clube do Brasil.

Além de sua importante atuação na pasta de que era titular, destaquese também o fato de Dom Antônio haver patrocinado a vinda, em 1816, da Missão Artística Francesa, chefiada por Lebreton. Entre os artistas encontrava-se o arquiteto Grandjean de Montigny, que além de realizar importantes obras, algumas das quais até hoie existentes, ainda cuidou de transmitir seus conhecimentos a inúmeros discípulos, como por exemplo José Maria Jacinto Rebello, que no meio do século passado viria a projetar o Palácio Itamaraty, na antiga Rua Larga de São Joaquim.

O Solar da Rua do Passeio nº 42, que Barca havia adquirido em 1811 do espólio de Maria Francisca Braga para ser sua residência, já aparecia no ano seguinte sediando em suas lojas e no quintal o Laboratório Químico, além da Impressão Régia. Em 1821 ali se encontravam, no pavimento superior, as Secretarias dos Negócios Estrangeiros e a recém criada da Justiça. Após a morte de Barca em 21/06/1817, o governo adquiriu em leilão o imóvel, sendo o Solar finalmente demolido em 1937.

Ainda no final do século passado, o Solar do Conde da Barca abrigou a Academia Nacional de Medicina, o Pedagogium e a Academia Brasileira de Letras, que ali realizou sua primeira sessão em 20/07/1897. O amplo terreno, que se estende até a Rua Evaristo da Veiga, hospedou já nos anos novecentos algumas repartições da Secretaria de Educação do então Distrito Federal e hoje é ocupado pelas instalações da Escola Superior de Desenho Industrial.

Em março de 1852, a Secretariados Negócios Estrangeiros transferiu-se para o Campo da Aclamação nº 11, instalando-se num sobrado de propriedade de Maria Leopoldina Navarro de Andrade, onde permaneceu

à brasileira

Flávio Serrano

até 1869. A família Navarro de Andrade tinha entre seus membros o Barão de Vila Seca, Dom Rodrigo Navarro de Andrade. oficial da Secretaria dos Negócios Estangeiros, em 1808 Encarregado de Negócios em São Petes-burgo no Império Russo e em 1817 Ministro Plenipotenciário em Viena.

Outro Navarro de Andrade foi o Barão de Inhomirim, médico da Casa Imperial, titular da cadeira de Medicina na Universidade de Coimbra e lente de Higiene da Escola de Anatomia, Cirurgia e Medicina do Rio de Janeiro.

Na virada do século esse prédio seria adquirido pelos Duvivier Castier, pioneiros de Copacabana, e que em 1960 o venderiam para o engenheiro Luis Amorim Gomes. Então derrubado, abriu espaço para a construção do Edifício Marco Saulo em 1961-63, hoje com o nº 13 da atual Praça da República. Situa-se ao lado de uma agência da Caixa Econômica Federal, no quarteirão do Quartel do Corpo dos Bombeiros, na continuação da Rua Visconde do Rio Branco.

Nos Relatórios anuais dos Secretários de Estado à Assembléia Legislativa nos anos 1860, era constante a solicitação de novas acomodações para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros, pela precariedade de suas instalações no sobrado do Campo da Aclamação. Aventou-se até mesmo a possibilidade da construção de prédio num terreno existente ao lado da Câmara Municipal, em outra face do antigo Campo de Sant'Ana.

Finalmente, em outubro de 1869. foi alugado o Palacete Bahia, localizado à Rua da Glória nº 100, na esquina da Rua Santa Isabel, Benjamim Constant desde 1891. O Palacete pertencera ao nobre Manuel Lopes Pereira Bahia, o Barão do Meriti, que o havia legado em 1860 à sua filha Maria Carolina, então casada com o marquês de Abrantes, Secretário dos Negócios Estrangeiros de 1862 a 1864. Algum tempo após a morte de Abrantes em 1864, Maria Carolina casou-se com o médico Joaquim de Araújo e Silva, Barão do Catete pelo Brasil e Visconde de Silva por Portugal.

Da Glória foram dirigidos os destinos da nossa diplomacia, entre 1869



Campo da Aclamação 11

1852-1869

e 1891, ainda sob a antiga denominação de Secretaria dos Negócios Estrangeiros e, de 1891 a 1899, já como Ministério das Relações Exteriores.

O prédio principal era fronteiro ao atual Largo da Glória, havendo na área extensos jardins e outras dependências, proporcionando um ambiente mais adequado para a repartição. Mas os serviços diplomáticos se foram expandindo e a necessidade de uma maior área de trabalho foi sendo reclamada. Em 14/01/1899 houve então a transferência para o Palácio Itamaraty, na Avenida Marechal Floriano, construção de 1851-55 comprada pelo governo em 23/12/1889 aos herdeiros do 2º Conde de Itamaraty, e que abrigou a Presidência da República até sua mudança para o Palácio do Catete, este hoje transformado no Museu da República.

Após a saída da Secretaria, o Palacete Bahia foi ocupado pelo English Hotel, que existiu até 1908, quando foi demolido o prédio. Em 1915-18 o terreno recebeu a construção do Palácio Episcopal da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

A história do Palácio Itamaraty é detalhadamente narrada por Gustavo Barroso, em livro com o mesmo título, editado em 1956 pelo Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty. Sua leitura é indispensável para os que desejam se inteirar das minúcias da Casa de Rio Branco, desde a construção do prédio original até as obras de ampliação feitas na gestão do Chanceler Octavio Mangabeira, em 1927-30.

Finalmente, em 1967-70, foram transferidos para Brasilia os serviços diplomáticos, abrigados no novo Palácio Itamaraty, que teve sua denominação mantida pela tradição, pois assim é conhecida a nossa Chancelaria em todo o mundo, desde o início do século XX.

Esta é, em rápidas palavras, a história das diversas sedes da nossa repartição dos Negócios Estrangeiros, desde 1821 até a época atual. Nas primeiras décadas dos anos novecentos, o fotógrafo Augusto Malta documentou para a posteridade os mais variados aspectos do Rio de Janeiro, existindo literalmente milhares de chapas retratando a Cidade Maravilhosa. No Museu da Imagem e do Som, uma fundação do Governo do Rio de Janeiro, acha-se arquivada a maioria de sua obra: lá localizamos as fotos do Solar da Rua do Passeio, do Sobrado da Praça da Aclamação e do Palacete da Glória, que ilustram estas li-

Até agora, logramos parcial êxito no manuseio de documentos nos Arquivos Históricos do Itamaraty e do Exército, no Arquivo Nacional e na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Entretanto, continuamos com pertinácia na procura de elementos que permitam confirmar a localização da sede inicial no Paço Imperial e a época de sua instalação no Solar do Conde da Barca.

Agradecimentos ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro pela autorização de publicar as fotos de A. Malta.

Porto Fragrante

Gabriel Lino Maia

Hong Kong

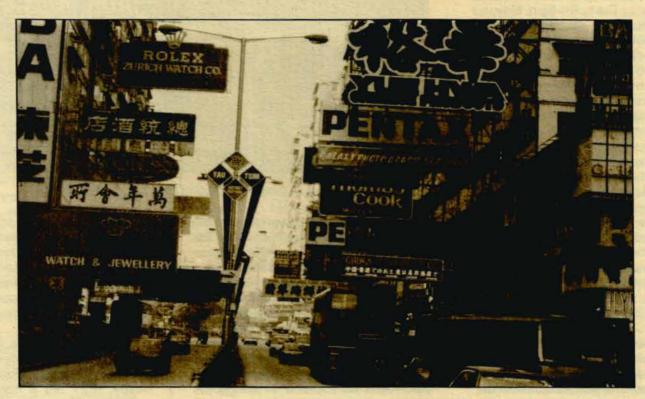


Foto: Ralph Peter Alexander Henderson

á cinco meses aterrisamos em Hong Kong, no ar quente e úmido desse patropi oriental. E ainda hoje estamos "descampando", desfazendo alguma caixa, tentando ajeitar coisas que parecem dotadas de inteligência e vontade! Umas se adaptam logo ao clima, ao espaço que lhes é reservado. Outras ficam pelos cantos, por sobre as mesas, de cara emburrada!

E a sensação de estar do outro lado do mundo e de cabeça para baixo é estranha, no mínimo. Hong Kong nos surpreendeu em quase tudo.

Cidade diferente, tem algo do Rio, com montanhas arredondadas, a presença marcante do mar (com pouquissimas praias no entanto), os bondes - saudosos bondinhos do Rio mais antigo. Lembra Nova lorque pelo conjunto arquitetônico e vida fervilhante. O clima quente e úmido, a vegetação tropical, o comércio a céu aberto, têm alguma coisa a ver com Manaus e Belém.

Cidade laboriosa, sem lugar para desocupados, vagabundos. Aqui acabaram com o mito de que clima tropical produz população apática e preguiçosa. Seja o vendedor ambulante, o peão de obra que se equilibram em andaimes de bambu, seja o jovem executivo com jeito de "yuppie", empunhando seu telefone celular, seja a secretária de salto-alto e tailleur de griffe, todos trabalham. Há dois mendigos na cidade que confirmam a regra da exceção. Pivetes, ainda não os vimos.

Os chineses alimentam-se bem nos cerca de trinta mil restaurantes da cidade.Comem tudo o que voe e tenha pernas, exceto avião, mesa e cadeira. Supõe-se que essa dieta contenha ingredientes secretos, pois as chinesas são magérrrimas, modelares - e se vestem de acordo, discretamente elegantes. Aliás, Hong Kong despiu-se do tradicional chinês, mas não sucumbiu à avalanche do jeans, do tênis e da T-shirt de mau gosto.

O trânsito anda certo pela contra-mão. E vai, lento, empacotado, organizado. Mil e oitocentos Rolls Royces, Mercedes sem conta, Lancias, Ferraris, BMWs, todos os "top-models" japoneses, ônibus de dois andares e um fusca brasileiro - outro dia o vimos. assustado e perdido como cego em tiroteio. E os enfeitadissimos. encantadores bondinhos que andam aos bandos, antigüidades que trocaram os museus pelas ladeiras... e o povo comprimindose nas calçadas, empurrando, tropeçando, trombando, fazendo das ruas ondulantes e coloridos dragões chineses.

Tivemos de reaprender a caminhar na multidão. Em certos pontos da cidade você não caminha, é arrastado.

O direito de ir-e-vir é respeitado e desfrutado em Hong Kong,
exceto nos cruzamentos. Cada
esquina é uma saída de Maracanã em domingo de Fla-Flu. E o
difícil não é andar, é parar. Praticamente impossível, a não ser
nos sinais. Aí várias coisas podem
acontecer, menos conseguir atravessar para o lado que você quer.
Ao abrir o sinal, duzentas mil
pessoas disputam alguns metros
quadrados de faixa para pedes-

Mãos dadas, braços dados, é desaconselhado. Arrisca-se a chegar em casa sem eles.

tres. Se você vacilar, será inexoravelmente impelido para onde não quer ir. Também pode ser arrastado até o meio da rua e voltar de costas, empurrado, no peito, até o lugar de onde você saiu. E não é raro ir-se de um lado para outro da rua flutuando a um metro do chão. A primeira vez que isso aconteceu conosco foi no dia de nossa chegada à cidade, em frente ao hotel. Ao sermos alçados ao ar pensamos fosse alguma manifestação popular de boas-vindas. Quando aterrisamos do outro lado da rua descobrimos que nossos embrulhos e malas haviam ficado sob os pés da multidão.

Uma paradinha frente a uma vitrina provoca um tremendo engarrafamento pedestre. Duas pessoas andarem juntas é complicado. Três, nem pensar. A solução é marcar um lugar de encontro e tentar chegar lá sozinho. Mãos dadas, braços dados, é desaconselhado. Arrisca-se a chegar em casa sem eles.

Aí vão algumas dicas que poderão ser úteis ao visitante menos avisado:

1 - trazer uma foto ampliada (60 X 60) da familia e um mastro de três metros de comprimento. Ao sair à rua, ata-se a foto à ponta do mastro. No caso de alguém se perder na multidão, levanta-se o mastro com a foto para que o perdido se encontre;

- 2. apito ou corneta poderão ajudar em áreas mais tranquilas da cidade. No centro e áreas comerciais serão inúteis. Ninguém escuta ninguém. O barulho dos bondes, ônibus, buzinas, britadeiras, furadeiras e a gritaria dos chineses o diapasão deles é duas escalas acima do normal suplantarão qualquer tentativa de comunicação sonora.
- não pare nunca na calçada quando a multidão estiver em movimento;
- para abrir caminho use os cotovelos bem abertos, a ponta do guarda-chuva ou o mastro da foto:
- 5. para atravessar uma rua com mais segurança aguarde até duas ou três horas da manhã, quando o movimento melhora sensivelmente, ou use uma galeria suspensa.
- ...Mas não se preocupem. Este retrato caricato está longe de espelhar o que realmente é esta fascinante sino-quase ex-metrópole britânica. É uma babel organizada, um grande circo muito sério. É bela e fera, fragrante e malcheirosa, sensual e recatada... é Hong Kong.

"It smells food and money".

- Em Chinês, HONG KONG significa "Porto Fragrante".
- ●● Gabriel Lino Maia é Oficial de Chancelaria, lotado no Consulado Geral do Brasil em Hong Kong. A matéria contém trechos de carta enviada ao Secretário Eduardo Gradilone.



DE CARVALHO,

Diplomata

e Escritor

Felipe Fortuna

O modernismo e a diplomacia fizeram Ronald de Carvalho (1893-1935) descobrir um continente diferente do europeu: o continente americano. O leitor dos poemas de Luz Gloriosa (1913) e de Poemas e Sonetos (1919) dificilmente reconheceria no estilo langoroso e penumbrista, tendendo à meditação típica dos simbolistas europeus, o poema de verso longo e altissonante de Toda a América (1926). Neste livro, descobrem-se as imagens contraditórias e intensas de um continente no qual a névoa se transformava em paisagem solar, e o ceticismo numa forca telúrica e construtiva. A conversão de Ronald de Carvalho ao credo modernista se deveu à sua preocupação com os novos ritmos e formas, aliada à experiência de um viajante que anunciou, à maneira de Walt Whitman, o Novo Mundo.

A literatura dos viajantes é uma referência importante na prosa e na poesia de Ronald de Carvalho que muitas vezes se transformará num "charmant chroniqueur", a mesma definição com que se referiu a Saint-Hilaire. O charme do escritor brasileiro, contudo, é todo feito de ironia e de observações que revelam seu interesse pelo contraste, pelo "contraste fulminante" entre paisagens e civilizações. Seu livro póstumo Itinerário (Antilhas, Estados Unidos e México) (1935), provavelmente composto à época de Toda a América, é um roteiro de viagem em que a prosa poética dedicada à paisagem se funde à prosa sarcástica dedicada às pessoas, como nessa brilhante observação:

"Miss Garret fala mal dos judeus, não acredita na South America, tem sardas do trópico, e é amiga íntima de miss O'Bryen, campeã de tênis de San Antonio do Texas."

Para Ronald de Carvalho, educado no ambiente europeu e considerado o poeta de maior formação clássica pelos modernistas, o continente americano era um desafio existencial tão grande quanto "a necessidade de novos métodos mais largos e animadores", como escreveu em "A Tortura da Arte Contemporânea", em O Espelho de Ariel (1923).

Toda a América é o livro de poemas com que Ronald de Carvalho deseja comunicar o destino grandioso do seu continente. O mito de uma poesia "bolivariana", em que o poeta descobre a unidade de povos, essencialmente ligados à terra, e o permanente conflito civilizador. Todos os poemas têm nomes de lugares, mas pretendem escapar da pequena vida dos poemas de circunstância pelo tom heróico e transcendente da descoberta de um mundo novo, do Alasca à Patagônia. O canto desta América equivale ainda a um canto precursor no qual o poema tem a sensacão de ser tão jovem quanto o continente. Diferente de um "projeto nacional" que conformou a obra de diversos autores modernistas, o de Ronald de Carvalho abria-se a um "continentalismo" igualmente ignorado:

"Onde estão os teus poetas, América?

Onde estão eles que não compreendem os teus meio-días voluptuosos?(...)

Teu poeta será ágil e inocente, América!

a alegria será a sua sabedoria (...)"

Não se pode afirmar que o diplomata Ronald de Carvalho não tivesse, também, um momento americanista na sua carreira diplomática: ao morrer em 1935, vitimado por um acidente de carro, era Secretário da Presidência da República no Governo de Getúlio Vargas. Já consagrado como escritor, o diplomata, então Ministro, numa entrevista ao Diário da Noite, analisou com entusiasmo o golpe que levou ao poder o Governo a que servia:

"A Revolução devolveu o Brasil ao espírito novo, depois de quase cinquenta anos de hegemonia das classes conservadoras e oligárquicas. Repete-se o fenômeno do Segundo Império, em que tivemos Ministros de Estado com vinte e cinco anos de idade, como o Visconde Ouro Preto. Desde a proclamação da República, o Brasil viveu em plena gerontocracia, dos senhores de classe. De tal sorte, a Revolução não foi surpreendente nem extemporânea, desde que sintetizava as inquietudes de uma geração nova - a do após-guerra."

Ronald de Carvalho entrou para o Itamaraty como "Praticante de Secretaria" em 14 de agosto de 1914 e foi nomeado "Terceiro Oficial" em 23 de fevereiro de 1916. Já como "Segundo Oficial" trabalhou na "Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América", e assumiu

interinamente a chefia em outubro do ano emblemático de 1922. Terá sido nessa função, sem dúvida, que lidou profissionalmente com os temas do continente e realizou as viagens descritas em seus livros. Do México, em telegrama de 23 de agosto de 1923, o Chefe do Posto informava que "Ronald partiu hoje deixando simpatia admiração todos elementos oficiais literários sociais. Jornais referem-se termos mais elogiosos sua personalidade." O México, na obra do diplomata, é o país que mais chamou a sua atenção, que lhe provocou as observações mais psicologicamente profundas, como escreveu em Itinerário:

"O mexicano se desforra da melancolia, vestindo-se de luz. Seu misticismo, como o dos velhos povos orientais, é solar."

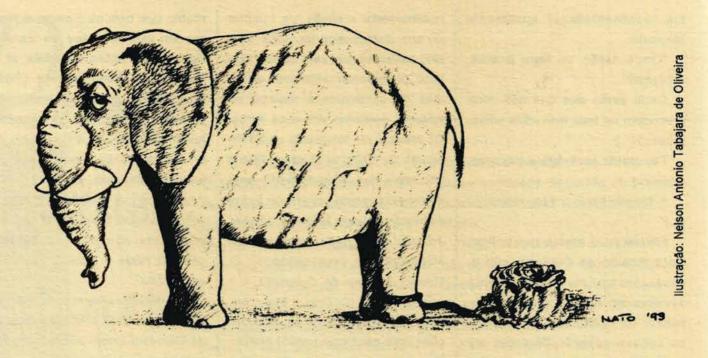
Ao longo de sua carreira será frequente a atuação de Ronald de Carvalho como homem de letras, como conhecedor da cultura brasileira. Seus chefes e seus colegas não deixavam de estimulá-lo, muitas vezes apenas encaminhando para o conhecimento do Ministro de Estado a repercussão de sua obra no exterior. Da cidade do Porto, em 19 de dezembro de 1927, transcrevem-se as palavras do ex-Ministro das Relações Exteriores, Júlio Dantas, sobre Toda a América, que festeja a sua originalidade e poder verbal, "sejam quais forem os excessos e as preocupações de escola". Também o Embaixador Souza Dantas encontra tempo para enviar de Paris, quando lá servia Ronald de Carvalho, um oficio de 5 de dezembro de 1931, que reproduz a conferência lida no PEN Club da França e comenta presença do escritor nos meios literários de Paris.

De fato, Ronald de Carvalho não poderia reclamar do acolhimento que teve na França, e mesmo em outros países da Europa. Seu estudo sobre Rabelais et le Rire de la Renaissance (Paris: Émile Hazan, 1932) foi resenhado pelo Figaro como "le plus bel hommage imprimé à l'occasion du IV centenaire de Pantagruel". O futurista Marinetti, que leu Tutta l'America na tradução italiana, escreveu que "non trovai um sol poema che mi desse (...) impressione piú nitida e violenta della vita americana".

Os desdobramentos do acidente de carro com o Ministro Ronald de Carvalho foram acompanhados com apreensão por todos os seus colegas. Na ânsia de registrar, finalmente, uma boa notícia, foi expedida a Circular 963 a todas as missões diplomáticas, em que se lia: "Tenho o prazer de comunicar que o Ministro Ronald de Carvalho está fora de perigo. Queira comunicar aos Consulados". Poucos dias depois, porém, a Circular 968 comunicava o seu falecimento.

Das exéguias ao escritor e diplomata participou o Presidente da República, que acompanhou o numeroso cortejo. Muitos lembraram que aquele era o primeiro corpo a ser velado no Itamaraty depois da morte do Barão do Rio Branco, em 1912. Da mesma maneira, poucos escritores, levados à carreira diplomática, conseguiram atingir uma harmonia tão grande entre a experiência literária e o exercício da atividade de representação do país. Ainda se encontram inéditas diversas conferências que realizou e diversos estudos, dentre os quais um sobre a situação internacional de Sete Quedas e outro intitulado "O Império do Brasil e as Fronteiras do Prata", tocados pela mesma vocação americanista. ٠





FRASE DO MOMENTO:
"O Brasil é um elefante preso a um pé de alface" (Senador Ronan Tito – PMDB-MG)

Os doze meses a partir de 20 de abril de 1984 serão marcados pelas comemorações do sesquicentenário do nascimento do Barão do Rio Branco. O Boletim solicita a todos os leitores sugestões de como a ADB poderá participar de tais comemorações. A esse respeito, cumpre lembrar que a Associação é entidade de direito privado, ou seja, com grande liberdade de ação e de finanças.

A Editora do Boletim ADB, Maria Teresa Mesquita Pessoa, está departida para o Consulado-Geral em Nova lorque e cumpre deixar o registro da enorme contribuição prestada pela colega para a "invenção" de cada dos primeiros nove números da publicação. Todos da equipe mais diretamente envolvidos com a preparação do Boletim sentirão falta do seu entusiasmo e espírito de coleguismo.

Do dia 15 de janeiro ao dia 26 de fevereiro de 1994 estará acontecendo em Búzios, no Espaço Cultural Mário Lago, a exposição de objetos e esculturas cerâmicas do colega Alfredo Rainho e pinturas submarinas de Walter François.

Para maiores informações, os interessados poderão contactar: Espaço Cultural Mário Lago Galápagos Inn
Praia João fernandinho - Búzios - RJ Tel. (0246) 23-6161 — Fax 23-2297

Segundo nossos registros, o número de associados, em 8/01/94, era de 772 membros assim distribuídos:

Embaixadores		152
. Ativa	88	
. QE		
. AP		
		HIELD
Ministros		109
. Ativa		
. QE		
. AP	8	
Conselheiros		1/0
. Ativa		140
. QE		
. AP	13	
1º Secretários		135
. Ativa		
. AP		
2º Secretários		126
. Ativa	125	
. AP	1	
30 Secretários		88
3º Secretários	************	00
Alunos do IRBr		13